

Virginia Woolf

O sol e o peixe

Prosas poéticas

SELEÇÃO E TRADUÇÃO

Tomaz Tadeu

autêntica

visita a um aquário do zoológico de Londres. Não temos, aqui, a simples descrição de uma experiência, mas a transposição lírica e literária de uma visão. O texto “Anoitecer sobre Sussex” tem o mesmo sabor.

Ainda na mesma linha, em “Flanando por Londres”, Virginia destila, numa prosa lírica e imaginativa, sua profunda paixão pela cidade. Sob o pretexto da simples compra de um lápis, ela nos proporciona um passeio que certamente não encontraremos em nenhum guia turístico. Ver uma cidade desse jeito é privilégio da literatura.

Apesar do tema árido, o ensaio focalizado na doença pertence ao mesmo gênero. Ficar de cama faz qualquer um pensar. Mas fazer disso literatura é coisa bem diferente. É preciso o mesmo domínio da arte que a fez escrever obras-primas como *Mrs Dalloway* e *Ao Farol*. Depois dela, talvez apenas Susan Sontag, em *A doença como metáfora*, tenha tentado algo semelhante.

Esses quatro ensaios talvez pudessem ser considerados como pertencendo ao gênero que os franceses chamam de “poema em prosa” e que teve praticantes ilustres como Mallarmé e Baudelaire, para não falar de Valéry. Por não se inserirem na mesma tradição, prefiro vê-los como “prosas poéticas”.

O texto sobre Montaigne é, aparentemente, uma simples resenha de uma tradução inglesa dos *Ensaaios*. Mas é muito mais que isso e muito diferente disso. Acaba sendo, na verdade, um ensaio sobre a arte do ensaio. Virginia, a discípula, incrusta, como *en abyme*, os *Ensaaios* do mestre em seu próprio e pequeno ensaio. Uma joia!

Uma mente como a de Virginia não podia perder o que se passava em outros domínios da cultura. Ela estava atenta, por exemplo, ao que se passava na cena da arte da pintura, e não apenas por ter uma irmã (Vanessa Bell) e um amigo (Roger Fry) que pintavam. Há quem considere, por exemplo, que sua obra tem forte influência da pintura impressionista. O que é certo é que ela estava interessadíssima nas relações entre a sua arte, a da escrita, e a arte da pintura. São essas relações que ela explicita no ensaio “A pintura”, no qual, mais do que a mútua influência, ela destaca o caráter irreduzível de cada uma delas.

Não é surpresa que ela tenha se interessado pela então incipiente arte do cinema. É verdade que mais para se mostrar desconfiada de qualquer tentativa que viesse atribuir-lhe as potencialidades da arte que era a sua. Mas o que ela diz aqui sobre o cinema mostra não apenas a sua

receptividade a tudo que se passava à sua volta, mas também o seu agudo senso crítico. O que é surpresa, entretanto, é que tenha antevisto, já em 1926, algumas das questões que iriam, depois, se tornar centrais nas discussões sobre o cinema.

E, claro, Virginia colocava a sua arte e o objeto que a materializa acima de tudo. Ela dedicou muitas páginas ao livro e à atividade da leitura. O texto aqui incluído, “A paixão da leitura”, resume admiravelmente o que ela pensava a respeito. O pequeno ensaio é uma celebração do livro e da leitura.

Finalmente, “Memórias de uma filha” tem um tom mais pessoal. Ela fala aqui de sua complexa e difícil relação com o pai, o historiador e biógrafo Leslie Stephen. É um testemunho comovente e delicado sobre uma figura que ela já havia dissecado, sob o personagem do Sr. Ramsay, em *Ao Farol*.

É isto que a presente coletânea procura mostrar: a face lírica da romancista Virginia Woolf. Em prosa. Poética.

Nota

Transcrevo abaixo os títulos originais dos ensaios aqui reunidos, referindo-os aos veículos em que foram publicados pela primeira vez e aos volumes da série em que foram recentemente reunidos (*The Essays of Virginia Woolf*).

“The Sun and the Fish”. *Time and Tide*, 3 de fevereiro de 1928. [EVW, v. 4, p. 519-524.]

“Pictures”. *Nation & Athenaeum*, 25 de abril de 1925. [EVW, v. 4, p. 243-246.]

“The Cinema”. *Arts*, junho de 1926. [EVW, v. 4, p. 348-354.]

“Street Haunting: A London Adventure”. *Yale Review*, outubro de 1927. [EVW, v. 4, p. 480-491.]

“Evening Over Sussex on a Motor Car”. In: WOOLF, Virginia. *The Death of the Moth and Other Essays*. Londres: Hogart Press, 1942. [EVW, v. 6, p.453-456.]

“On Being Ill”. *New Criterion*, janeiro de 1926. [EVW, v. 4, p. 317-329.]

“Montaigne”. *Times Literary Supplement*, 31 de janeiro de 1924. [EVW, v. 4, p. 71-81.]

“Leslie Stephen, the Philosopher at Home: A Daughter’s Memory”. *The Times*, 25 de novembro de 1932. [EVW, v. 5, p. 585-593.]

“The Love of Reading”. In: *Preface. Booklist*, novembro de 1931. [EVW, v. 5, p. 271-274.]

Referência

MCNEILLIE, Andrew (Org.). *The Essays of Virginia Woolf*. v. 4: 1925-1928. Nova York: Harcourt, 1994.

I. A vida e a arte



Montaigne

Uma vez, em Bar-le-Duc, Montaigne viu um retrato que Renê, rei da Sicília, havia pintado de si mesmo, e perguntou: “Por que não é, de igual maneira, lícito, a qualquer um, retratar a si próprio com uma pena, tal como ele fez com um lápis?”. De imediato pode-se responder: Não apenas é lícito, mas nada poderia ser mais fácil. Outras pessoas podem nos escapar, mas nossos próprios traços são quase familiares demais. Começemos, pois. E então, mal nos pomos à obra, a pena nos escapa dos dedos; trata-se de uma questão de uma dificuldade profunda, misteriosa e avassaladora.

Afinal, em toda a literatura, quantas pessoas conseguiram retratar a si mesmas utilizando a pena? Apenas Montaigne e Pepys e Rousseau, talvez. O livro *Religio Medici* é um vidro colorido através do qual vemos, obscuramente, estrelas cadentes e uma alma estranha e turbulenta. Um espelho brilhante e polido reflete o rosto de Boswell espiando por entre os ombros de outras pessoas na famosa biografia. Mas esse falar de si mesmo, seguindo as suas próprias veleidades, fornecendo o mapa inteiro, o peso, a cor e a circunstância da alma em sua confusão, sua variedade, sua imperfeição – essa arte pertenceu a um homem apenas: a Montaigne. À medida que os séculos passam, há sempre uma multidão diante desse quadro, contemplando suas profundidades, vendo nele seus próprios rostos refletidos, vendo mais coisas quanto maior for o tempo que olharem, nunca sendo capazes de dizer exatamente o que veem. Novas edições dão mostras de sua perene fascinação. Dizer a verdade sobre si mesmo, descobrir a si mesmo de tão perto, não é coisa fácil.

Não temos notícias senão de dois ou três dos antigos que trilharam esse caminho [...]. Ninguém, desde então, seguiu as suas pegadas: É um empreendimento espinhoso, e mais do que parece, esse de perseguir um passo tão caprichoso quanto o de nosso espírito; de penetrar as profundezas opacas de suas dobras internas; de selecionar e fixar tal quantidade dos mínimos

aspectos de suas agitações. E é uma distração nova e extraordinária, que nos tira das ocupações ordinárias do mundo: sim, e das mais recomendáveis [...] (II, 2).¹

Há, em primeiro lugar, a dificuldade de expressão. Entregamo-nos, todos, ao estranho e agradável processo que chamamos “pensar”, mas quando se trata de dizer, mesmo a alguém que esteja à nossa frente, aquilo que pensamos, quão pouco, então, somos capazes de transmitir! O fantasma atravessa a mente e salta pela janela antes que tenhamos chance de tomar-lhe as rédeas, ou então afunda e regressa à profunda escuridão que, com luz bruxuleante, iluminou por um momento. Na fala, rosto, voz e dicção complementam nossas palavras e dão força à sua fragilidade. Mas a pena é um instrumento rígido; pode dizer muito pouco; tem todos os tipos de hábitos e cerimônias que lhe são muito próprios. É também ditatorial: está sempre transformando homens comuns em profetas, e transmutando o andar naturalmente indeciso da fala humana na marcha solene e majestosa das penas. É por essa razão que Montaigne destaca-se das legiões dos mortos com uma vivacidade tão irreprimível. Não podemos nunca ter dúvidas de que seu livro era ele próprio. Ele se recusou a dar aulas; ele se recusou a pregar; insistia em dizer que era exatamente como outras pessoas. Todo o seu esforço consistiu em escrever a si próprio, em comunicar, em dizer a verdade, e em afirmar que se trata de um “empreendimento espinhoso, e mais do que parece”.

Pois, para além da dificuldade de comunicar aquilo que se é, há a suprema dificuldade de ser aquilo que se é. Esta alma, ou a vida dentro de nós, não combina absolutamente com a vida fora de nós. Se temos a coragem de perguntar-lhe o que ela pensa, ela está sempre dizendo o oposto do que outras pessoas dizem. Outras pessoas, por exemplo, há muito tempo decidiram que cavalheiros de idade de aspecto enfermiço devem ficar em casa e edificar os restantes com o espetáculo de sua fidelidade conjugal. A alma de Montaigne dizia, ao contrário, que é na velhice que se deve viajar, e o casamento que, sem dúvida, raramente se baseia no amor, está sujeito a se tornar, no fim da vida, um laço formal que é preferível desfazer. Igualmente, na política, os estadistas estão sempre louvando a grandeza do Império e pregando o dever moral de civilizar o selvagem. Mas vejam os espanhóis no México, exclamou Montaigne num acesso de cólera. “Tantas cidades arrasadas, tantas nações exterminadas,

[...] e a parte mais rica e bela do mundo revirada pelo comércio da pérola e da pimenta: Vis vitórias.” [III, 6]. E, depois, quando os camponeses chegaram e lhe disseram que tinham encontrado um homem morrendo por causa de ferimentos e o tinham abandonado com medo de que a justiça pudesse incriminá-los, Montaigne perguntou:

Que lhes poderia ter dito? É certo que esse dever de humanidade lhes teria causado problemas. [...] Não há nada tão profundamente, tão extensamente imperfeito quanto as leis: nem tão frequentemente (III, 13).

Aqui, a alma, tornando-se inquieta, fustiga as formas mais palpáveis dos grandes pesadelos de Montaigne, a convenção e a cerimônia. Mas observem-na enquanto ela cisma, junto à lareira, no aposento interior daquela torre que, embora separada do edifício principal, tem uma ampla vista de toda a propriedade. Realmente, ela é a criatura mais estranha do mundo; nada heroica, ela é instável como galo de cata-vento. Pois Montaigne vê a si mesmo como “acanhado, insolente, casto, luxurioso, falador, taciturno, laborioso, delicado, engenhoso, estúpido, melancólico, bonachão, mentiroso, sincero, sábio, ignorante, e liberal e avaro e pródigo” (II, 1). Em suma, ela é tão complexa, tão indefinida, correspondendo tão pouco à versão que a representa em público, que um homem pode passar a sua vida simplesmente tentando localizá-la. O prazer da perseguição é mais do que suficiente para nos recompensar por qualquer dano que possa ser causado a nossas esperanças mundanas. O homem que está consciente de si mesmo é, a partir daí, independente; e nunca está entediado, e a vida é apenas curta demais, e ele está impregnado de uma ponta a outra de uma profunda – ainda que comedida – felicidade. Ele, sozinho, vive, enquanto outras pessoas, escravas da cerimônia, deixam a vida passar por elas numa espécie de sonho. Conforme-se uma vez, faça uma vez o que outras pessoas fazem porque elas o fazem, e uma letargia toma conta, lentamente, de todos os nervos e todas as capacidades mais delicadas da alma. Ela se torna toda espetáculo e vazio exterior; embotada, insensível e indiferente.

Se pedirmos, pois, a esse grande mestre da arte da vida para nos contar seu segredo, ele certamente nos aconselhará a nos recolher para o aposento interior de nossa torre e ali folhear as páginas dos livros,

perseguir fantasia após fantasia enquanto elas dão caça umas às outras chaminé acima, e deixar o governo do mundo para outros. Retiro e contemplação – esses devem ser os principais elementos de sua receita. Mas não; Montaigne não é, de maneira alguma, explícito. É impossível extrair uma resposta simples desse homem sutil, entre sorridente e melancólico, de olhos pesadamente cerrados e de expressão sonhadora, brincalhona. A verdade é que a vida no interior, com seus livros e seus vegetais e suas flores, é, muitas vezes, extremamente tediosa. Ele nunca poderia verificar que suas ervilhas verdes eram muito melhores que a dos outros. Paris era o lugar de que ele mais gostava no mundo inteiro – “até mesmo as suas verrugas e as suas manchas” (III, 9). Quanto à leitura, ele raramente podia ler qualquer livro por mais de uma hora seguida, e sua memória era tão ruim que esquecia o que estava na sua mente enquanto ia de um quarto para o outro. O conhecimento livresco não é nada de que alguém possa se orgulhar, e quanto aos feitos da ciência, a que se reduzem eles? Ele tinha sempre se dado bem com homens inteligentes, e seu pai tinha verdadeira veneração por eles, mas ele observara que, embora eles tivessem seus bons momentos, suas rapsódias, suas visões, os mais inteligentes dentre eles tremem, chegando às raias da loucura. Observe a si próprio: num momento, você está todo animado; no seguinte, um copo quebrado deixa-o à beira de um ataque de nervos. Todos os extremos são perigosos. É melhor ficar no meio da estrada, nas trilhas costumeiras, por mais lamacentas que sejam. Ao escrever, escolha as palavras comuns; evite a rapsódia e a eloquência – mas, é verdade, a poesia é deliciosa; a melhor prosa é aquela que está mais plena de poesia.

Parece, pois, que devemos ter em mira uma simplicidade democrática. Podemos desfrutar de nosso aposento na torre, com as paredes pintadas e as espaçosas estantes de livros, mas lá embaixo, no jardim, cavando, está um homem que enterrou o pai esta manhã, e é ele e os de sua estirpe que vivem a vida real e falam a língua real. Existe certamente um elemento de verdade nisso. As coisas são ditas com muita precisão na ponta mais baixa da mesa. Há, talvez, mais das qualidades que importam entre os ignorantes do que entre os estudados. Mas, de novo, que coisa vil é a turba! “Mãe da ignorância, da injustiça e da inconstância. É razoável que a vida de um sábio dependa do julgamento dos tolos?” (II, 16). Suas mentes são débeis, moles e sem poder de resistência. É preciso dizer-lhes o que é conveniente que saibam. Não lhes cabe enfrentar os fatos tais como são. A

homens e mulheres comuns, vamos dar graças à Natureza por sua generosidade, usando cada um dos sentidos que ela nos deu; variar o nosso estado tanto quanto possível; voltar ora este lado, ora aquele, para o calor, e saborear ao máximo, antes que o sol se ponha, os beijos da juventude e os ecos de uma bela voz cantando Catulo. Todas as estações são desfrutáveis, e dias úmidos e dias lindos, vinho tinto e vinho branco, companhia e estar só. Mesmo o sono, essa deplorável redução do prazer da vida, pode ser pleno de sonhos; e as ações mais comuns – uma caminhada, uma conversa, ficar só no seu próprio pomar – podem ser intensificadas e iluminadas pela associação da mente. A beleza está por toda parte, e a beleza está a apenas dois dedos de distância da bondade. Assim, em nome da saúde e da sanidade, não descansemos no fim da jornada. Que a morte nos surpreenda plantando nossas couves, ou no lombo de um cavalo, ou nos permita escapular para alguma casinha no interior onde estranhos possam fechar os nossos olhos, pois um criado soluçando ou o toque de uma mão nos deixariam arrasados. Melhor ainda, que a morte nos encontre em nossas ocupações normais, entre moças e bons camaradas que não façam nenhuma declaração ou lamento; que ela nos encontre “entre os jogos, os festins, as brincadeiras comuns e populares, e a música, e versos de amor” (III, 9). Mas chega de morte; é a vida que importa.

É a vida que emerge cada vez mais claramente à medida que esses ensaios alcançam não seu final, mas sua suspensão, a toda velocidade. É a vida que absorve cada vez mais, à medida que a morte se aproxima, o seu eu, a sua alma, cada fato da existência: veste simples meias de seda tanto no verão quanto no inverno; põe água no vinho; não consegue cortar o cabelo após ter almoçado; tem um copo especial para tomar água; nunca usou lentes; tem uma voz forte; carrega uma vareta na mão; tende a morder a língua; não consegue deixar de remexer impacientemente os pés; tem vontade de coçar as orelhas; gosta de carne fétida; limpa os dentes com um guardanapo (graças a Deus, eles estão bons!); não dorme sem cortinas na cama; e, o que é muito curioso, começa por gostar de rabanetes, depois não gosta mais, e então gosta de novo. Nenhum fato é demasiado insignificante para que o deixe escorregar pelos dedos, e além do interesse dos fatos em si há o estranho poder que possui de mudá-los pela força da imaginação. Observem como a alma está sempre projetando suas próprias luzes e suas próprias sombras; como torna oco o substancial e substancial o frágil; enche a plena luz do dia com sonhos; é tão animada

balanço que ele jogava para trás e para frente, como um berço, e enquanto escrevia tirava baforadas de um pequeno cachimbo de cerâmica, com os livros espalhados num círculo em torno dele. O som surdo de um livro que caía no chão podia ser ouvido na sala de baixo. E muitas vezes, enquanto subia as escadas para o escritório com seu passo firme e regular, ele irrompia não numa canção, pois não era nada musical, mas numa estranha cantoria rítmica, pois versos de todos os tipos, todos “pura bobagem”, como ele dizia, e as mais sublimes palavras de Milton e Wordsworth não lhe saíam da memória, e o ato de caminhar ou escalar parecia inspirá-lo a recitar qualquer coisa que lhe desse na telha ou que combinasse com o seu estado de humor.

Mas era sua habilidade com os dedos que mais divertia os filhos antes que eles pudessem perambular nos seus calcanhares pelas aleias ou ler seus livros. Ele enfiava uma folha de papel entre as lâminas de uma tesoura e dali saltava um elefante, um veado ou um macaco, com trombas, chifres e rabos delicada e precisamente moldados. Ou, pegando um lápis, ele desenhava um animal atrás do outro – uma arte que ele praticava quase inconscientemente enquanto lia, de maneira que as folhas de guarda de seus livros estavam cheias de corujas e burros como se para ilustrar as exclamações “Oh, seu burro!” ou “Asno presunçoso” que ele costumava rabiscar impacientemente nas margens. Esses breves comentários, nos quais se pode encontrar o gérmen das frases mais moderadas de seus ensaios, lembram algumas das características de sua fala. Ele podia ser muito silencioso, como testemunharam seus amigos. Mas suas observações, feitas subitamente num tom de voz baixo entre as baforadas de seu cachimbo, eram extremamente eficazes. Às vezes, com uma só palavra – mas essa única palavra vinha acompanhada de um gesto das mãos – ele descartava o emaranhado de exageros que sua própria sobriedade parecia provocar. “Há 40.000.000 de mulheres solteiras apenas em Londres!”, informou-lhe uma vez Lady Ritchie. “Oh, Annie, Annie!”, exclamou meu pai em tons de escandalizada mas afetuosa repreensão. Mas Lady Ritchie, como se gostasse de ser repreendida, exagerava ainda mais na próxima visita.

As histórias que ele contava para divertir os filhos, sobre as aventuras nos Alpes – mas acidentes aconteciam apenas, explicava ele, se a pessoa fosse muito tola para desobedecer aos seus guias – ou sobre aquelas longas caminhadas, após uma das quais, de Cambridge a Londres num dia de

regime de jejum”; Thomas Hardy, anos mais tarde, olhava para a “figura magra e desolada” do monte Schreckhorn e pensava nele,

*Que escalou seu pico com vida e corpo em risco,
Levado talvez por vagas imaginações
De semelhanças com sua personalidade
Em sua estranha melancolia, penetrantes luzes e porte austero.*

Mas o elogio que ele teria valorizado mais, pois, embora fosse agnóstico, ninguém acreditava mais profundamente no valor das relações humanas, teria sido o tributo de Meredith após sua morte: “Ele era, na minha opinião, o único homem digno de ter esposado tua mãe”. E Lowell, quando o designou “L. S., o mais amável dos homens”, foi quem melhor descreveu a qualidade que o torna, após todos esses anos, inesquecível.

depusemos nossos arcos e flechas e sentamos ao redor do fogo e conversamos e demos aos pobres e ajudamos os doentes, a razão pela qual construimos, partindo da aridez do deserto e dos emaranhados da floresta, abrigos e sociedades, é simplesmente esta: nós desenvolvemos a paixão da leitura.

silêncio dos campos em volta, uma coruja piando e, ao longe, o chocalhar de um trem no vale. Mas isto é Londres, somos lembrados; no alto, entre as árvores nuas, pendem molduras retangulares de luz amarelo-avermelhada – janelas; há pontos brilhantes ardendo continuamente como se fossem estrelas próximas – lâmpadas; esse terreno vazio, que contém em si o país e a sua paz, é apenas uma praça de Londres, marcada por escritórios e casas onde luzes obstinadas ardem, a essa hora, sobre mapas, sobre documentos, sobre escrivadinhas, às quais se sentam amanuenses, folheando, com dedos úmidos, os arquivos de intermináveis correspondências; ou, de maneira mais difusa, a chama tremula e a luz se derrama sobre a privacidade de alguma sala de visitas, com suas poltronas, seus papéis, sua porcelana, sua mesa marchetada e o vulto de uma mulher, medindo cuidadosamente o número preciso de colheres de chá que... Ela olha para a porta como se tivesse ouvido uma campainha no andar de baixo e alguém perguntando: ela está?

Mas aqui devemos forçosamente nos deter. Corremos o risco de cavar mais fundo do que o olho permite; agarrando-nos a algum galho ou raiz, retardamos nossa travessia pela plácida correnteza. A qualquer momento, o dormente exército pode começar a se mexer e despertar em nós, em resposta, violinos e trombetas; o exército dos seres humanos pode acordar e fazer valer suas excentricidades e desgraças e baixeiras. Demoremo-nos um pouco mais, contentemo-nos ainda com as superfícies apenas – o brilho reluzente dos ônibus a motor; o esplendor carnal dos açougues, com suas paletas amarelas e seus lombos rubros; os buquês de flores azuis e rubras inflamando tão bravamente as vitrines das floriculturas.

Pois o olho tem esta estranha propriedade: repousa apenas na beleza; como uma borboleta, busca o colorido e se delicia com o caloroso. Numa noite de inverno como esta, quando a natureza se esforça para se arrumar e se enfeitar, ele traz de volta os mais belos troféus, rompe pequenos grumos de esmeralda e coral como se a terra toda fosse feita de pedras preciosas. O que ele não pode fazer (estamos falando do olho comum, não profissional) é compor esses troféus de uma maneira que ressalte as arestas e as relações mais obscuras. Por isso, após uma prolongada dieta dessa alimentação simples, açucarada, de beleza pura e desarranjada, tornamo-nos conscientes da saciedade. Detemo-nos à porta da sapataria e damos alguma pequena desculpa, que não tem nada a ver com o real motivo, para fechar a brilhante parafernália das ruas e nos recolher a